



A CAPELA DO COLÉGIO: UMA FRONTEIRA NA RELAÇÃO ENTRE O CÍRIO DE NAZARÉ E O COLÉGIO GENTIL BITTENCOURT, EM BELÉM DO PARÁ

Luiz Tadeu da Costa¹

Começamos a reflexão conceitual, a partir de dois conceitos de não lugar: o etimológico, que nos remete a utopia, onde o prefixo 'u' nega o topos, isto é o lugar, sendo assim etimologicamente Utopia seria um lugar que não existe, ou seria mesmo um lugar sonhado, idealizado, visto como um paraíso perfeito impossível de existir na terra. O outro entendimento de não lugar é o cunhado por Marc Augé(2012), que se refere aos frequentes lugares de passagem por onde cada vez mais os homens transitam nas cidades. Augé nos aponta para uma antropologia na contemporaneidade. Antropologia esta que nos faz refletir como o Homem dos tempos atuais está diametralmente oposto ao Homem do final do Século XIX e início do XX, quando para este o outro era o estranho, o exótico, o distante ou o que estava longínquo dele mesmo.

Direcionaremos esses dois conceitos de não lugar na reflexão sobre as pequenas igrejas públicas construídas aproximadamente desde o Século XIV para culto à Virgem Maria ou outro santo do Catolicismo, comumente chamadas de Capela. Esse espaço de exercício do sagrado é constituído de um único altar, sem pia batismal e sem cemitério. Ao longo do tempo, com o avanço da Igreja Católica a Capela foi se reconfigurando, na medida em que reis e nobres tornaram comum a construção de capelas em suas residências, a procura de isolamento e privacidade para suas orações. Esses oratórios, ambientes religiosos particulares, também ficaram conhecidos como "capelas domésticas" por que estavam atreladas a um colégio, instituição, casa ou outro edifício, que algumas vezes eram abertas ao público, mas sem este entrar em contato com seu proprietário.

No trânsito de mão dupla do particular para o público ou vice e versa, seguimos o exercício de reflexão aplicado à Capela do Colégio Gentil Bittencourt, um espaço ao mesmo tempo utópico e de passagem, já que hospeda uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré, que depois de algumas décadas no Séc. XX, cumprindo um extenso calendário de programação referentes ao Círio de Nazaré, parou de participar nos anos de 1969. Neste mesmo ano, a Arquidiocese mandou confeccionar outra imagem que passou a peregrinar a partir dos anos de 1970 até os dias atuais. Esta terceira imagem sim é denominada de "Peregrina", por cumprir uma agenda que vai além das 12 romarias oficializadas atualmente pela arquidiocese de Belém.

1. Professor do Curso de Museologia da Faculdade de Artes Visuais, Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará-FAV/ICA/UFPa; Especialização em Museologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP – MAE/USP; Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Doutorado do Programa de Doutorado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias-ULHT, Lisboa-Portugal.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA

Acontece que no imaginário popular é a imagem hospedada na Capela do Colégio Gentil Bittencourt, ou seja, a segunda imagem da Santa na história do Círio, que ao longo de todo o ano as pessoas depositam seus votos de agradecimento ou pedido de graças, sem perceber a mudança de imagem e acreditando ter sido essa imagem a sair pelas ruas de Belém nas romarias do Círio. Essa segunda imagem, conhecida como 'a imagem do colégio', fica sobre um pedestal localizado ao lado direito de quem entra na Capela. A imagem não tem qualquer aparato de proteção que impeça o público visitante da Capela de chegar perto e tocar na imagem da Santa. Nesse sentido, podemos pensar que o grande público tem nessa imagem uma fiel mediadora às suas súplicas, já que a primeira imagem, a "original" ou do "achado" fica no glória, localizado no centro superior do altar mor da Basílica Santuário, descendo somente duas vezes ao ano. Enquanto a imagem peregrina oficial cumpre uma agenda social de eventos, ficando em exposição para o grande público, apenas nas festividades do Círio, durante a primeira quinzena do mês de outubro.

Para Rocque(1981; p.72) desde agosto e setembro de 1879 já aparece o Colégio Nossa Senhora do Amparo, atual Colégio Gentil Bittencourt, como o local de partida da trasladação - romaria que antecede o Círio, consiste na saída da Santa da Capela do Colégio Gentil à Igreja da Sé . O autor ainda nos informa que a romaria saía da Capela do Colégio rumo à Capela do Palácio do Governo. Foi a partir de 1899 que a trasladação passou a sair da capela do então chamado Instituto Gentil Bittencourt à Igreja da Sé, Catedral Metropolitana de Belém.

Se considerarmos ainda que somente 86 anos separam o surgimento do primeiro Círio 1793, com o ano em que a Capela do Colégio integrou a festividade, podemos perceber um entrelaçamento do Colégio Gentil com o Círio, na medida em que ambos tem fortes vínculos tanto com a Igreja Católica como com o Governo do Estado do Pará. Portanto, é legítimo entender a associação no imaginário popular do paraense entre o Círio e o Colégio Gentil, sobretudo, se pensarmos a Capela deste como um *locus* de hospedagem da imagem da Santa desde o Séc. XIX, quando este chamava-se Colégio Nossa Senhora do Amparo e ainda não tinha se fixado no atual endereço. Época de transição do período Imperial para o período Republicano no Brasil. Destaca-se ainda que "o Estado do Grão Pará e Rio Negro tinham uma vida administrativa, social e econômica em subordinação à Lisboa"(Tocantins, 1987, p.144). Do período Colonial ao Imperial, do Séc. XVII ao Séc. XIX, ou seja, da instituição ao fortalecimento do Catolicismo no Brasil.

1. Professor do Curso de Museologia da Faculdade de Artes Visuais, Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará-FAV/ICA/UFPa; Especialização em Museologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP – MAE/USP; Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Doutorado do Programa de Doutorado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias-ULHT, Lisboa-Portugal.



“Nas Américas, as sociedades, resultado dos interesses público e privados, até hoje perduram, sendo responsáveis pela criação de diversos museus, escolas e hospitais”(Veiga, 2013, p.22). Todas essas considerações convergem para a compreensão de como os não lugares vão se constituindo em uma cidade. Reitero aqui a Capela do Colégio Gentil como uma espécie de não lugar do sagrado, na medida que hospeda a imagem de uma Nossa Senhora de Nazaré legalmente destituída de seu papel originário, isto é, não cumpre mais sua função de estar nas romarias do Círio. Nesse sentido, podemos refletir que a capela fica mais próxima de cumprir um papel museológico, como um espaço mantenedor da imagem e comunicador da relação com o Círio. Sendo assim, a imagem da santa fica mais próxima do objeto semióforo, que conforme Pomian é quando o objeto, ao entrar para um museu, perde a sua função original. Além disso podemos pensar na ideia de fronteira que também é trabalhada por Lúri Lotman, a partir do conceito de Semiosfera.

Para Augé a ideia de ‘lugar’ e ‘não-lugar’ interpenetram-se, misturam-se, opõem-se ou atraem-se, ou seja, um não elimina o outro. Sendo assim Augé(2010) nos ajuda a pensar sobre a noção de ‘fronteira’, cerne da atividade simbólica, isto é, nos faz atribuir significados e dar sentido ao objeto investigado, perceber ainda os limites de um e outro, suas reciprocidades, suas formas de integração, suas capacidades representacionais de simbolizar as manifestações referentes a esses espaços e outras dimensões da vida sociocultural em Belém do Pará, além de demarcar, hierarquizar, criar ou recriar interditos nesse lugar.

Para Lotman o espaço das bordas, das margens é que faz surgir a fronteira, na medida que esta é importante para troca de informações contidas naquilo que está ao seu redor. Sendo assim:

“...fronteira é um fenômeno ambíguo, pois, além de separar uma semiosfera de outras semiosferas, também as une, pertencendo, portanto, a ambos os espaços. Além disso, fronteira apresenta-se como um fenômeno móvel; tudo depende do ponto de vista do observador: se ele for externo, provavelmente julgará que alguns elementos fronteiriços, considerados pela própria semiosfera como alheios, na verdade também fazem parte dela.” (Ekaterina Vólkova Américo - Bakhtiniana, São Paulo, 12 (1): 5-20, Jan./Abril. 2017. p.09)

Compreende-se a fronteira como um espaço muito importante para se analisar as oposições que o texto apresenta, de informações contidas dentro e fora da Capela do Colégio, assim como as relações com a imagem da Santa mantida

1. Professor do Curso de Museologia da Faculdade de Artes Visuais, Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará-FAV/ICA/UFPA; Especialização em Museologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP – MAE/USP; Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Doutorado do Programa de Doutorado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias-ULHT, Lisboa-Portugal.



nesse lugar, sobretudo, quando se parte das observações e entrevistas realizadas durante trabalho de campo no Colégio Gentil desde 2014, isto é, percebe-se as relações que as pessoas fazem não somente com o lugar – capela do colégio, mas com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, ícone maior do Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Nesse sentido é possível se aproximar da linha tênue que separa tanto a Capela como a Santo do Colégio ao mesmo tempo encontrar pontos de reciprocidade nessas referências de memória que entrelaçam o Círio de Nazaré e o Colégio Gentil Bittencourt, que embora completamente distintas em suas naturezas patrimoniais, podem ser consideradas “lugares de memória” para Belém. É justamente a partir do uso desse termo do historiador francês Pierre Nora que Augé, em sua obra ‘Por uma antropologia dos mundos contemporâneos’(1997), ajuda-nos a articular os subsídios que tanto a História, como a Antropologia oferecem ao objeto de investigação deste texto.

“Tratando-se dos lugares de memória, e mais particularmente dos monumentos nos quais, lembra-nos Nora, a intenção primordial foi “encerrar o máximo de sentido no mínimo de signos”(o que nos aproximaria de algumas propriedades do mito e de sua ‘racionalidade densa’)..”(1997; p.49). Mais adiante Augé questiona “A memória desapareceu ou se desloca?(1997; p.51). Nesse sentido, podemos pensar que o signo Círio excedeu tanto em Belém, que precisou encontrar outros espaços para as suas significações, a partir da modernidade, concomitante a implantação do regime republicano no Brasil. Daí encontrar no prédio monumental do Colégio Gentil Bittencourt uma relação possível de recarregar a memória do lugar, que também passa a ser objeto dos significados contemporâneos que se dá tanto ao Círio, ao Colégio, como a própria cidade de Belém.

Sendo assim, o texto pretende observar a herança sociocultural da Capela do Colégio Gentil Bittencourt a partir da relação/participação que as pessoas internas e externas do Colégio estabelecem com uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré salvaguardada nessa Capela. Essa imagem da Santa que habitualmente se vê na Capela foi a que oficialmente, até os anos de 1969, esteve presente nas romarias que compreendem o Círio de Nazaré em Belém – Trasladação, Círio e Recírio. A Capela, assim como a imagem da Santa estão associadas no imaginário do paraense como pedaços integrantes do Colégio Gentil Bittencourt, que é palco/cenário do início e fim de uma das maiores festas religiosas do Brasil, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que há mais de 200 anos é realizado na cidade

1. Professor do Curso de Museologia da Faculdade de Artes Visuais, Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará-FAV/ICA/UFPa; Especialização em Museologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP – MAE/USP; Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Doutorado do Programa de Doutorado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias-ULHT, Lisboa-Portugal.



Portanto, o texto objetiva perceber como a Capela do Colégio Gentil Bittencourt pode ser um *locus* de entremeio onde fazem surgir discursos com outros enunciados possíveis sobre os opostos, já que a capela e a imagem da Santa vão adquirindo outras facetas, ora local de sagrado, ora local de hospedaria de uma imagem destituída do cargo, o que ao mesmo tempo afasta e aproxima um permanente diálogo com o Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará.

Palavras-chaves: Memória; Patrimônio; Público; Sagrado

Referências Bibliográficas:

AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. *O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lotman / The Concept of Border in Yuri Lotman's Semiotics*. IN.: Bakhtiniana, São Paulo, 12 (1): 5-20, Jan./Abril. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v12n1/2176-4573-bak-12-01-0005.pdf> Acessado em 26/11/2019

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papyrus. 2010

_____. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneo*. Tradução de Clarisse Meireles e Leneide Duarte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1997

_____. *Por uma antropologia da mobilidade*. Tradução de Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de A. Barros. Maceió: EDUFAL; São Paulo: UNESP. 2010

POMIAN, Krzystof. *Coleção. In: Memória-História*. Vol. 1. Trad.: Fernando Gil. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda. p. 51- 86. (Enciclopédia Einaudi). 1984

ROCQUE, Carlos. *História do Círio e da festa de Nazaré*. Belém SECULT/PA: Mitograph editorial Ltda. 1981

TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará: instantes e evocações da cidade*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia limitada, 1987 (3ª edição revista e aumentada). 1987

VEIGA, Ana Cecília Rocha. *Gestão de projetos de museus e exposições*. Belo Horizonte: C/Arte. 2013

1. Professor do Curso de Museologia da Faculdade de Artes Visuais, Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará-FAV/ICA/UFPA; Especialização em Museologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP – MAE/USP; Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Doutorado do Programa de Doutorado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias-ULHT, Lisboa-Portugal.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

1. Professor do Curso de Museologia da Faculdade de Artes Visuais, Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará-FAV/ICA/UFPA; Especialização em Museologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP – MAE/USP; Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Doutorado do Programa de Doutorado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias-ULHT, Lisboa-Portugal.